

Famoso novelista e antigo médico conta-nos a história
do seu caso mais compensador



Quando se receia a derrota

A. J. Cronin

Autor de «A Cidadela», «As Chaves do Reino»,
«Sob a Luz das Estrélas», etc.

QUANDO acadêmico de medicina na Escócia, fui interno de hospital, como assistente de um famoso cirurgião. Homem idoso, alto, magro e severo, êle era dotado de um temperamento mordaz; a sua perícia conferira-lhe um implacável desprêzo pelas deficiências dos outros. Eu era jovem, pobre, desesperadamente desejoso de vencer, e, em minha ansiedade de agradar cometia, algumas vêzes, faltas que o grande homem censurava severamente. Sob tal tratamento eu ia ficando cada vez mais nervoso, sobretudo quando o assistia nas operações. Tôda a vez que eu deixava, por uma fração de segundo, de passar-lhe o devido instrumento ou ajustar os afastadores a seu gôsto, se deixava, em suma, de antecipar-me aos seus menores desejos, lá vinha

a frase cortante: «Você nunca será cirurgião.»

Essas palavras obcecavam-me de tal maneira que, quando me formei e passei a exercer a medicina, fui prêsa de fatal convicção, que pesava sôbre mim como um anátema, de que jamais eu passaria de um médico medíocre, entregue ao ramerrão cotidiano, usando, talvez, o bisturi em casos corriqueiros, mas sempre incapaz de realizar essas grandes operações que constituem o arremate e a consagração de um médico.

Tinha ido clinicar num remoto distrito rural, onde eu era o único médico. A população compunha-se de gente vigorosa, reservada e independente. Ainda assim, quando demonstrei ser diligente e prestativo e consegui debelar com êxito um in-

quietante surto de difteria entre os escolares, comecei a sentir que estava conquistando a confiança dêles. Todavia, nas poucas ocasiões em que uma intervenção cirúrgica se impunha, eu era obrigado a chamar um colega da cidade de Perth, distante duas horas por estrada de rodagem ou de ferro.

Numa tarde de dezembro, quando o borrascoso inverno estava no auge, chamaram-me de uma fazenda distante seis quilômetros e meio do povoado. Um jovem, Robin Blair, fôra acidentado quando cortava madeira. O mensageiro, um rapaz da fazenda, que fizera todo o percurso a pé, não soubera dar maiores informes, mas achava que os ferimentos deviam ser de natureza grave.

Eu conhecia bem o jovem Blair, pois assistira ao casamento dêle três meses antes. Rob era uma figura popular, exímio atleta, primava no arremêso de toros, o esporte conhecido como «caber», e ganhara vários prêmios nos torneios de Perth.

Parti a pé: aquelas estradas, cobertas de neve, estavam impraticáveis para qualquer veículo. Um frio cortante sucedera à terrível tempestade de neve que rugira durante as noites precedentes. Depois de enfrentar o vento gelado por mais de uma hora, chegamos, finalmente, o mensageiro e eu, à fazenda de Blair.

O paciente estava estirado num colchão, diante do fogo, na cozinha de chão de pedra e teto de telha-vã. Um rápido olhar àquela forma imóvel bastou para certificar-me de que

o estado do ferido era desesperador. A jovem espôsa, alucinada, chorando a seu lado, era incapaz de pronunciar palavra; o pai de Rob, porém, inteirou-me dos fatos essenciais.

Rob e êle tinham ido derrubar um pinheiro de uns 15 metros para fazer um novo aprisco. Os golpes do machado ressoavam, claros. De repente, a enorme árvore, empurrada por imprevista rajada, abatera-se sôbre Rob. Só a espessura da neve o salvara de morte certa.

O rapaz estava desacordado, respirando irregularmente. Os reflexos dos membros inferiores tinham desaparecido, indicando paralisia das pernas e, sob a grande inchação localizada na espinha, senti a distinta crepitação de três, possivelmente quatro, vértebras torácicas esmagadas.

Naqueles meus primeiros tempos de médico eu ainda não tinha aprendido a usar a máscara da reserva profissional; e quando me levantei, cheio de piedade e tristeza, a minha expressão deve ter traído aos outros a gravidade do estado de Rob. Mas antes que êles pedissem a minha opinião, forcei-os a agir. O jovem, enrolado em cobertores, foi transferido para uma padiola improvisada e levado com jeito para o hospital do povoado. Depois corri para o telefone. Aquêle era um caso que reclamava experiência e habilidade cirúrgica extremas. Eu decidira chamar um especialista do hospital Vitória, de Glasgow.

Então veio o inesperado: a telefonista do povoado, onde funcionava

a Central Telefônica, informou-me que tôdas as linhas para o sul tinham sido interrompidas pela tempestade. Desesperadamente, expus-lhe a situação.

—Talvez eu possa comunicar-me com o entroncamento ferroviário de Stinchar, a 19 quilômetros daqui, pelos pântanos, onde o chefe da estação poderia retransmitir a mensagem pelo telégrafo da estrada—disse ela.

Após uma espera que me pareceu eterna, conseguimos a ligação com o entroncamento ferroviário. O chefe da estação informou-nos que não somente o telégrafo estava paralisado, como a via férrea estava completamente obstruída pela neve. Estávamos isolados do resto do mundo.

Aterrado com êsse pensamento, eu voltei aos Blair e expliquei-lhes a situação.

Fêz-se silêncio. Depois o pai de Rob disse calmamente, num tom de voz em que não transparecia o menor vestígio de hesitação:

—O senhor mesmo, Doutor, deve fazer o que tem de ser feito.

Fiquei aterrorizado. Saberá êle que me estava exigindo o impossível? Esperar de mim uma intervenção tão delicada, como a laminectomia torácica tocava às raias da loucura.

Olhei aturdido o velho lavrador, a mãe de Rob e sua jovem e inconsolável espôsa. Eu era o único médico que havia ali. Como poderia negar àquela gente simples a única probabilidade de salvar-lhe o ente querido? Voltei a cabeça para que êles não

pudessem surpreender a angústia estampada nos meus olhos, e dirigi-me à sala de operações.

Esta era apenas um prolongamento da única e pequena enfermaria, impecavelmente limpa, mas sem luz apropriada e pouco adequada quanto ao resto do equipamento. O paciente, mal respirando, jazia de bruços sôbre a mesa de madeira forrada com um lençol branco. A enfermeira, uma senhora idosa das Highlands, pingava éter na máscara de gás. E não sei como, numa estranha ilusão, comecei a esfregar iôdo na área atingida; segurei incertamente o bisturi; mas, mesmo quando eu reunia coragem para a primeira e trêmula incisão, ouvi a fria e desdenhosa voz do meu antigo chefe: «Você nunca será cirurgião.»

E então uma coisa estranha aconteceu—como e por que não sei. Talvez alguma solitária centelha, ainda não extinta, se tenha avivado súbitamente em mim: tive consciência de uma íntima onda de revolta—revolta contra mim mesmo e contra minha dócil submissão à derrota. A atormentadora visão de meu antigo mentor desvaneceu-se e, em seu lugar, surgiram as fisionomias daquela gente simples que depositava sua confiança em mim.

Um ímpeto de coragem substituiu minha entorpecente indecisão. Era, talvez, a coragem do desespero. Respirei profundamente e meti mãos à obra; secionei os músculos atingidos; limpei o sangue que extravasara, liqueei as artérias que se tinham rom-

vido. Se é certo que estremei quando o ferimento se me apresentou em tôda a sua extensão—fratura exposta de quatro vértebras torácicas, com fragmentos ósseos entranhados na medula espinhal— a verdade é que não vacilei. Sabendo que um simples golpe falso da serra poderia trazer conseqüências fatais, não obstante dispus-me a remover essa pressão mortal, operando através das arcadas vertebrais. Trabalhando, então, pelo tato, comecei a reunir os fragmentos ósseos liberados, como alguém que tentasse armar um quebra-cabeça no escuro.

Após uma hora de ingentes esforços, a reconstrução estava terminada. A respiração do paciente parecia tornar-se mais forte. Então—o que dificilmente eu ousaria esperar— Rob mexeu-se ligeiramente sôbre a mesa e moveu os membros inferiores. Fraco e exausto, eu podia, diante daquela evidência, ter dito que a paralisia fôra vencida. Em vinte minutos

êle estava engessado e outra vez na cama. Então, atordoado, mas com um grande calor no coração, dirigi-me ao pequeno grupo que esperava na entrada. Como foi maravilhoso dizer: «Creio que êle ficará bom!» E assim sucedeu. Três meses depois, Rob Blair saía do hospital, um tanto abatido talvez, mas completamente curado.

Tivê muitas alegrias e satisfações nos anos seguintes, mas parece-me que aquêle momento terrível em que me vi prêsa de pânico diante da ruína de um corpo humano, que eu sentia não poder remediar, foi a experiência mais compensadora da minha vida. Ela ensinou-me a alijar o mêdo, vencer o desânimo e o temor da derrota. Nunca mais tornei a dizer: «Sou incapaz de fazer isto» e sim: «Farei o que puder». Tinha aprendido a grande lição de que, se persistirmos, mesmo quando tudo nos pareça perdido, alcançaremos a vitória.



Técnica do cartaz de estrada

NUMA ESTRADA do Alasca: «O automobilista que consegue dirigir com segurança, enquanto beija uma linda garôta, não está dando ao beijo a atenção que êle merece.»

—E. V. Durling, King Features

OS FUZILEIROS NAVAIS em operações na Coréia, que sabem muito bem o que significa o rodízio em serviço, estão patrocinando uma campanha de segurança com letreiros de estrada, onde se lê: «Guie com cuidado... o homem que você atropelar pode ser o seu substituto no serviço.»

—*The Army-Navy-Air Force Journal*